

# O exílio, a memória da infância e os traços do colonialismo no romance de Albert Camus: O primeiro homem

*The exile, the memory of childhood and the traits of colonialism  
in the novel by Albert Camus: The first man*

*El exilio, la memoria infantil y los rasgos del colonialismo  
en la novela de Albert Camus: El primer hombre*

Antônio Carlos Lopes Petean<sup>1</sup>

## Resumo

PETEAN, A. C. L. O exílio, a memória da infância e os traços do colonialismo no romance de Albert Camus: O primeiro homem. *Revista C&Trópico*, v. 47, n. 1, p. 101-114, 2023. DOI: [https://doi.org/10.33148/CETROPICOv47n1\(2023\)art5](https://doi.org/10.33148/CETROPICOv47n1(2023)art5)

No romance *O primeiro homem*, uma ficção autobiográfica do escritor Albert Camus<sup>2</sup> o leitor, por meio das memórias do personagem e protagonista Jacques Cormery, é conduzido à realidade das famílias que viviam na periferia da cidade de Argel (capital da ex-colônia francesa). Nessa obra ambientada na Argélia, sob o domínio colonial francês, Camus aborda a vida das crianças, filhas de colonos que não conheceram seus pais. Homens que, convocados para lutar pela França na Primeira Guerra Mundial, morreram por ela e seus corpos não foram repatriados. Jacques Cormery, cuja família era residente na periferia de Argel, foi uma criança que saiu para o mundo graças ao seu professor; quarenta anos depois, visita o túmulo de seu pai no cemitério de Saint-Brieuc e revela todo seu estranhamento diante da lápide. Pensa em todos os corpos dos combatentes “pés negros”, árabes e berberes que estão ali, enterrados ao lado do seu progenitor. E reflete sobre a pobreza e a xenofobia nas relações sociais.

**Palavras-chave:** Sociologia da literatura. Colonialismo. Memória.

## Abstract

PETEAN, A. C. L. The exile, the memory of childhood and the traits of colonialism in the novel by Albert Camus: The first man. *Revista C&Trópico*, v. 47, n. 1, p. 101-114, 2023. DOI: [https://doi.org/10.33148/CETROPICOv47n1\(2023\)art5](https://doi.org/10.33148/CETROPICOv47n1(2023)art5)

- 1 Doutor em Sociologia pela UNESP/Araraquara; Professor no Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: [acpetean@yahoo.com.br](mailto:acpetean@yahoo.com.br) Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4329-5107>
- 2 Escritor e filósofo franco argelino, um dos maiores escritores de língua francesa e ganhador do Nobel de Literatura de 1957. Autor das obras *O Primeiro Homem*, *O Estrangeiro*, *A Peste*, *O Homem revoltado* e *O Mito de Sísifo* que marcaram uma geração e são responsáveis pela criação do absurdismo. Pensamento que considera a vida nessa sociedade como absurda, pois, para sobreviver devemos nos submeter a regras e a códigos morais distantes da nossa condição humana, como analisa Olivo (2007, p.149).

*In the novel *The First Man*, an autobiographical fiction by writer Albert Camus, the reader, through the memories of the character and protagonist Jacques Cormery, is led to the reality of the families who lived on the outskirts of the city of Algiers (capital of the former French colony). In this work set in Algeria, under French colonial rule, Camus addresses the lives of children, daughters of settlers who did not know their parents. Men who, summoned to fight for France in World War I, died for her and their bodies were not repatriated. Jacques Cormery, whose family was resident on the outskirts of Algiers, was a child who went out into the world thanks to his teacher; forty years later, he visits his father's grave in the cemetery of Saint-Brieuc and reveals all his strangeness before the tombstone. Think of all the bodies of the "black foot" fighters, Arabs and Berbers who are there, buried next to their progenitor. And reflects on poverty and xenophobia in social relations.*

**Keywords:** Sociology of literature. Colonialism. Memory.

## Resumen

PETEAN, A. C. L. El exilio, la memoria infantil y los rasgos del colonialismo en la novela de Albert Camus: El primer hombre. *Revista C&Trópico*, v. 47, n. 1, p. 101-114, 2023. DOI: [https://doi.org/10.33148/CETROPICOv47n1\(2023\)art5](https://doi.org/10.33148/CETROPICOv47n1(2023)art5)

En la novela *El primer hombre*, una ficción autobiográfica del escritor Albert Camus el lector, a través de los recuerdos del personaje y protagonista Jacques Cormery, es conducido a la realidad de las familias que vivían en las afueras de la ciudad de Argel (capital de la antigua colonia francesa). En esta obra ambientada en Argelia, bajo el dominio colonial francés, Camus aborda la vida de los niños, hijas de colonos que no conocían a sus padres. Hombres que, convocados a luchar por Francia en la Primera Guerra Mundial, murieron por ella y sus cuerpos no fueron repatriados. Jacques Cormery, cuya familia residía en las afueras de Argel, era un niño que salió al mundo gracias a su maestro; cuarenta años después, visita la tumba de su padre en el cementerio de Saint-Brieuc y revela todo su distanciamiento ante la lápida. Piensa en todos los cuerpos de los combatientes árabes y bereberes "de patas negras" que están allí, enterrados junto a su progenitor. Y reflexiona sobre la pobreza y la xenofobia en las relaciones sociales.

**Palabras clave:** Sociología de la literatura. Colonialismo. Memoria.

*Data de submissão:* 25/03/2023

*Data de aceite:* 19/05/2023

## 1. Introdução

No romance *O primeiro homem*, do escritor Albert Camus, o leitor, por meio das memórias do protagonista viajante Jacques Cormery, encontrará o olhar de Camus

sobre a pobreza, o exílio, a educação e o colonialismo. O romance, ambientado numa Argélia marcada pela luta anticolonial e pelo olhar preconceituoso dos colonos brancos, revela ao leitor os traços do colonialismo e a concepção de exílio do autor.

A Argélia foi considerada pelo Estado francês, até a década de 1960, como uma grande extensão territorial da França. Um imenso território ocupado, segundo o colonialismo francês, por “tribos primitivas” e que só seguiu a marcha do progresso devido aos colonos franceses e imigrantes provenientes de outras regiões da Europa. Sobre essa perspectiva alimentada pelo Estado francês, Yazbek (2010, p.17) diz que, para a metrópole e parte da sociedade francesa, o progresso da região só foi possível devido a presença dos “pés negros”, assim chamados os colonos franceses e seus descendentes criados na Argélia. O termo logo, porém, passou a ser usado para todos os colonos brancos provenientes de outras regiões da Europa. É importante realçar que a colonização francesa na Argélia foi de povoamento, responsabilidade atribuída aos “pés negros”, o que evidencia que o Estado francês considerava a região como uma extensão do seu território, sem respeitar os antigos habitantes da região, as tribos berberes e os Árabes.

Todo o progresso registrado – campos cultivados, crescimento das cidades da costa mediterrânea e avanços no sistema educacional, no setor de saúde pública e na habitação – era creditado ao colonialismo (YAZBEK, 2010, p.17). As terras que os colonos obtinham eram resultado da expropriação dos povos nativos, a sua maioria árabes e berberes que foram convertidos no seguimento mais “baixo” daquela sociedade colonial. Uma questão significativa aparece no romance: muitos “pés negros”, nascidos na Argélia ou provenientes de outros países europeus, jamais haviam pisado na França. Mas o ressentimento, a crise social gerada pela expropriação das terras, o racismo alimentado pelos colonos europeus e a violência do Estado francês criaram um ambiente explosivo. A fome e a miséria tornaram-se crônicas e Camus, um “pé negro”, denunciou a situação e se pronunciou a favor da descolonização (SERRANO E WALDMAN, 2007). Portanto, o romance *O Primeiro Homem* apresenta-se como uma obra literária engajada nas questões coloniais. Uma obra política que denuncia e condena, por meio das memórias do autor, o colonialismo francês.

Para Bourdieu (2004), existe um anacronismo em toda obra literária que a arranca do seu tempo, mas que, ao mesmo tempo, a temporaliza ao ser constantemente reinterpretada de forma fiel e infiel. Por isso, a reinterpretação de uma obra literária é condição permanente para a atualização das reflexões que ela comporta. A obra *O primeiro homem*, ao ser reinterpretada possibilita a atualização de temas como colonialismo, racismo e xenofobia no campo da sociologia da literatura. Afinal – “O sujeito que observa a sociedade e reflete sobre ela, seja o cientista social ou o artista, faz parte dessa mesma sociedade” (FREDERICO, 2005, p.429). E sobre esse pertencimento e leituras distintas devemos considerar que a imaginação faz parte da obra da literária e mantém relação com determinado grupo social, pois, o artista e o cientista social procuram oferecer respostas as questões sociais e favorecer a tomada de consciência.

Os grupos estruturam na consciência de seus membros uma  
“resposta coerente” para as questões colocadas pelo mundo cir-

cundante. Essa coerência (ou visão do mundo) é elaborada pelo grupo social e atinge o máximo de articulação através da atividade imaginativa do escritor. A obra, assim, permite ao grupo entender mais claramente suas próprias ideias, pensamentos, sentimentos. Esta é a função da arte: favorecer a “tomada de consciência” do grupo social, explicitar num grau extremo a “estrutura significativa” que o próprio grupo elaborou de forma rudimentar para orientar o seu comportamento e a sua consciência (FREDERICO, 2005, p.432).

A tomada de consciência, ao ler o romance *O primeiro homem*, passa pela compreensão da relação entre a França e a Argélia colonial. Pois, o protagonista Jacques Cormery, ao visitar o cemitério de Saint-Brieuc, reflete sobre os absurdos gerados pelas guerras e sobre o descaso da França com aqueles que morreram por ela. Além dessa questão, o leitor encontrará o ódio e o ressentimento delineando as relações entre Árabes e colonos brancos. Por isso, a obra *O primeiro homem* colabora para as reflexões daqueles que se posicionaram contra o colonialismo. Albert Camus fez parte do grupo social que desejava uma Argélia livre do domínio colonial.

## 2. O exílio dos corpos

O romance inicia com a visita do protagonista ao cemitério de Saint-Brieuc, na França. Local que guarda os corpos dos homens que saíram das colônias francesas da África para combater pela França na Primeira Guerra Mundial. O protagonista visita o túmulo do pai para cumprir uma promessa feita à sua mãe, residente na periferia de Argel. Ao chegar no cemitério, Jacques (CAMUS, 2005, p. 33) repara que aquele local era rodeado por muros toscos, que as lojas ao redor ofereciam mercadorias de vidro, náilon e cerâmicas calamitosas, simplórias. Ele olha as fileiras de túmulos, observa que esses são despreziosos e feios, cobertos por quinquilharias. É assim que ele descreve aquele espaço reservado aos ex combatentes mortos. Um espaço bem diferente de outros cemitérios é o que Camus busca retratar no romance.

Na sala do administrador daquele campo-santo, o personagem Jacques Cormery pergunta sobre a quadra dos mortos da guerra de 1914. O nome: “Quadra da lembrança francesa”. Nome que carrega certa ironia, pois naquele espaço residem os corpos esquecidos dos homens que, convocados pelo Estado francês, saíram das colônias para lutar por uma França que se esquecera deles. Seu pai, Henri Cormery, morto em batalha pela França, era um homem que ele não conhecera e de quem não guardava lembranças.

Para o administrador, Jacques diz que Henri Cormery era seu pai desconhecido, que morrera quando ele tinha um ano, que não tem lembranças dele. Quanto ao sentimento em relação ao pai, Jacques diz que não podia sentir saudades ou piedade, pois não o conhecera. Sabia que essa visita não tinha nenhum sentido para ele e imagina que não deveria ter para muitos homens e mulheres que perderam seus pais em batalha, sem conhecê-los.

Jacques Cormery observa que as lápides eram todas semelhantes e que não havia distinção: eram simples retângulos. O homem enterrado ali, seu pai, era mais novo que ele. Aquele homem tinha 29 anos quando morreu e, ele, Jacques Cormery, agora com 40 anos, estava ali, perguntando-se qual o sentido da sua visita àquele túmulo. Ao olhar para o túmulo e para todos os túmulos, pensa “na ordem natural rompida pela guerra, quando o pai se torna mais novo que o filho”. Diante dos túmulos, refletindo sobre a guerra, e nos órfãos que ela gera, o protagonista Jacques pensa na barbárie como um período em que “não há ordem natural, mas loucura e caos”. É a absurdidade da vida que estava diante dele, gerada pela guerra. Para Jacques, o tempo parou para aqueles homens ali enterrados, mortos por uma França que não se importou com eles, não “repatriou” seus corpos. Corpos enterrados num território estranho, no exílio das lápides. Essa é uma das consequências do colonialismo: fez com que os mortos ficassem no exílio. Há outra consequência, que podemos inferir da fala de Jacques: as guerras, as epidemias e as barbáries geram crianças que não guardam lembranças de seus pais. Jovens sem memórias em relação ao seu progenitor.

Achava que esta visita não tinha nenhum sentido, primeiro para ele, que não conhecera o pai, ignorava quase tudo sobre ele e tinha horror a gestos e atitudes convencionais, depois por sua mãe, que jamais falava do desaparecido e não podia de maneira alguma imaginar o que ele iria ver (CAMUS, 2005, p. 34).

Sobre seu pai, diz Jacques Cormery: Ele morreu nessa terra, desconhecida para ele, e passou por ela como um desconhecido e caiu no esquecimento (CAMUS, 2005). Apesar da quadra ter o nome de “Quadra da lembrança francesa”, o que há, segundo o autor, é o esquecimento mediando as relações entre filhos e pais. O nome da quadra, para Jacques, possui certa ironia. Afinal, o romance instiga o leitor a se perguntar: Na França, quem se recorda dos árabes, magrebinos, africanos e colonos que morreram pela “pátria” durante a Primeira Guerra Mundial? Homens que, como Jacques, não sabiam o que era a pátria e não deixaram vestígios. “O seu pai, um desconhecido para seu filho, também entregue ao esquecimento como os homens da sua raça, pois, o ponto final é o esquecimento para os homens que começaram uma vida sem raízes” (CAMUS, 2005, p. 170).

### **3. Na Argélia: Memórias da infância**

Após a visita ao cemitério e ao túmulo de seu pai, Jacques Cormery vai a Argel visitar sua mãe e dizer a ela que cumpriu a promessa. No trajeto, relembra a infância na cidade, o subúrbio pobre e as brincadeiras com outras crianças, vizinhas e amigas. Sobre o local em que passou sua infância e onde sua mãe o espera, Jacques é enfático ao dizer que era “O subúrbio que ele e outras crianças estavam aprisionadas”. Nessa passagem, o leitor é conduzido ao olhar de Camus que interpreta o subúrbio como um espaço limítrofe. Ao se recordar da infância, Jacques sabia que não havia se curado dela; o sentido lúdico das suas memórias indica que a infância, para ele, era uma pátria

distante, pobre, limitada, mas idílica. Ele se recorda da diferença entre o subúrbio e o centro de Argel. No subúrbio, residiam árabes e colonos pobres, exilados juntos, pois o centro era um espaço quase proibido aos colonos pobres e os árabes só transitavam por ele para executar tarefas braçais. As memórias de Jacques, implicitamente, dizem sobre a distância socioeconômica e espacial entre aqueles que vivem no mesmo núcleo urbano das modernas sociedades capitalistas. Vivem, mas não partilham os mesmos espaços sociais e culturais daqueles que podem usufruir dos sonhos de consumo. Para Camus (2005), na voz de Jacques, os pobres, como sua família, viviam em espaços periféricos, como seres condenados a um exílio urbano.

Jacques se recorda e descreve sua mãe como uma mulher resignada, destituída de esperanças e ressentimentos. Resignada com a pobreza, com o trabalho extenuante e com a falta de prazeres. Uma mulher que nunca disse NÃO (termo significativo para Camus). O NÃO como a expressão da revolta e afirmação de um direito imaginado é o eixo da obra *O homem revoltado*; um ensaio filosófico de Albert Camus. No início desse ensaio, o leitor se defronta com a seguinte questão: “Que é um homem revoltado? Um homem que diz não” (CAMUS, 2017, p.17). E a Colônia estava dizendo não, ao contrário de sua mãe que nunca ousou romper com a sua resignação.

O pai de Jacques Cormery serviu no batalhão dos Zuavos; talvez desconhecesse o porquê da guerra e pouco sabia sobre a França. Quanto a sua mãe, Jacques se recorda de que ela apenas sabia que vivia numa terra perto do mar, que do outro lado havia uma terra, a França, um lugar obscuro para ela, cujo acesso era um porto: Marselha. Camus, crítico do colonialismo, apresenta ao leitor o desconhecimento que marcava a vida dos “pés negros” pobres.

Segundo Jacques, sua mãe “sabia”, pois lhe disseram, que na França havia uma cidade bela, chamada Paris. Ela “sabia” que havia uma região chamada Alsácia e que, ao lado, estavam os inimigos alemães que sempre foram cruéis com os franceses. Os franceses sempre foram obrigados a se defender desses homens, estranhos para ela, mas retratados como cruéis. Ela, porém, nada sabia sobre a história europeia, sobre o império Austro-húngaro, a Sérvia, mas a guerra estava lá. Cormery afirma que ela nada sabia sobre a história da França, ou o que era a História, mas que, ao chegar à ordem de convocação, seu marido foi embora com a bela farda colorida e ela teve que trabalhar na fábrica de cartuchos do arsenal de guerra. Segundo Cormery, ela trabalhava dez horas por dia. Como não havia leis trabalhistas na Argélia colonizada, fornecedora de homens e material bélico para a guerra, as condições de trabalho eram extenuantes. Porém, no esforço de guerra, as colônias foram fundamentais. Segundo Jacques Cormery, sua mãe também não sabia o que era o Front, nem o que era o Front Russo. A personagem Catherine Cormery, mãe de Jacques, exemplifica o que Camus afirma, por meio de Jacques, sobre os colonos pobres serem homens sem passado, sem raízes, que apenas tentavam viver.

A observação que a mãe de Jacques faz da situação dos homens que partiram para a guerra demonstra bem o despreparo ou o descaso do governo francês: “Nem capacetes ou roupas apropriadas os homens que partiram para a guerra tinham. Argelinos, árabes, colonos foram enviados aos montes, morreram aos montes” (CAMUS, 2005, p.72). O romance autobiográfico de Camus nos comunica que, a

cada momento, um homem morria e nasciam órfãos pela Argélia (como nas demais colônias francesas).

Ao chegar a Argel, as sutis observações de Jacques Cormery revelam ao leitor os traços do colonialismo: “As mulheres árabes, cobertas com véu, mas calçando sapatos Luís XV” (a herança do colonialismo está nos detalhes da moda). Para o espanto de Jacques, muitas crianças árabes estavam vestidas com o uniforme dos paraquedistas franceses. Hoje, podemos dizer: trajando as camisas dos uniformes dos times europeus de futebol. Camisas cobiçadas por jovens da África e do Brasil.

Ao chegar lá, uma explosão. Jacques Cormery corre para a rua e observa as reações dos colonos brancos. Um colono, operário, diz: “Essa raça suja” (disse encarando o árabe que ali estava). Diz ainda: “São cúmplices”. E Jacques observa que os colonos partem para agredir o árabe. O operário ainda diz: “É preciso matar todos”. O autor, nessas curtas passagens, implicitamente está dizendo ao leitor que o olhar racializante estava presente no colonialismo francês, independente da classe social dos colonos, a maioria pobre, como a família de Jacques Cormery. Segundo Césaire (2010), o continente africano foi alvo das depredações e agressões do expansionismo europeu que, com o conceito “raça”, inferiorizou povos abaixo do mediterrâneo e os reduziu a condição de seres inferiores. E o termo “Essa raça suja” demonstra bem o desprezo do colonizador branco pelos árabes.

No momento da explosão, Jacques volta suas lembranças para a mãe e se recorda das suas palavras: “não podemos fazer nada”. Ele sabia que ela havia naturalizado os infortúnios, a infelicidade e o perigo. Jacques Cormery pensa nos colonos, pobres como sua mãe, que só conhecem aquele bairro, aquelas ruas. Para Camus, por meio da voz de Jacques Cormery, “a memória dos pobres é menos alimentada que a dos ricos, tem poucos pontos de referência no espaço, pois raramente saem do lugar onde vivem”. Sejam colonos, árabes, magrebinos, essa máxima é válida para Jacques, a voz de Camus. Mas foram esses homens que saíram para combater os alemães na Primeira Guerra Mundial, defendendo uma França que muitos não conheciam. Os pobres, segundo Jacques, têm menos pontos de referência no decorrer de uma vida, tão uniforme e sem cor. Uma vida pautada pela repetição no mundo do trabalho e na vida social. Para Jacques, o tempo para os pobres marca os passos para a morte, já que, durante a existência, a estrada não se altera e, para muitos, não é alterada. A vida que sua mãe levou exemplifica bem sua percepção, pois, para ela, a infelicidade poderia aparecer a qualquer momento, o tempo era o mesmo e a vida repetitiva também. Em nenhum momento, a felicidade estava no horizonte, condição da maioria dos colonos, como o leitor pode apreender da obra. Principalmente das mulheres que acompanharam seus maridos em situação agravada, pois muitos homens que partiram para a guerra não retornaram e elas acabaram por assumir trabalhos árduos para sustentar as suas famílias. Trabalhos que antes estavam nas mãos dos homens esquecidos num cemitério distante.

Muitos desses homens eram crianças quando seus pais chegaram a Argélia; muitos nasceram lá e a França era um lugar desconhecido para eles que residiam em terras cujos habitantes “originais” os consideravam seres estranhos e invasores. O que podemos inferir, a partir da leitura do romance *O primeiro homem*, é que a colonização francesa gerou homens desterritorializados ou marcados pelo não pertencimento.

Homens que não pertenciam aos territórios colonizados, que nada sabiam da metrópole, mas que discriminavam e menosprezavam os antigos habitantes das colônias. Homens que morreram por uma França que os iludira, pois foram incentivados a partir para um território distante, repleto de bárbaros primitivos. E partiram com seus sonhos inflados pelo colonialismo. Inclusive, aos montes, em busca de riquezas, terras e realizações, não se importaram com as expropriações.

As referências no livro sobre o trabalho duro na colônia, extenuante sob o sol e repetitivo, indica que os homens não encontravam alternativas para fugir daquele cotidiano. A infância era miserável, o trabalho era rude, uma vida sem distração e o olhar sempre através da mesma janela. Eis o cotidiano dos “pés negros” descrito por Camus. Por isso, Jacques Cormery afirma que “a miséria é uma fortaleza sem ponte levadiça”. Nesse contexto, só as crianças eram verdadeiramente alegres, amigas e, por meio da escola, alimentavam o imaginário. Nesse sentido, as representações que tratam da escola na obra *O primeiro homem* indicam que esta instituição alimentava a fome da descoberta. Mesmo os castigos físicos recebidos pelas crianças na escola são vistos com certo aspecto lúdico. O que nos faz pensar nas reflexões de Althusser (1985) sobre a escola como aparelho de estado, cuja finalidade é garantir a reprodução da força de trabalho e, portanto, o lugar social do sujeito na esfera da produção.

Sobre a relação na sala de aula, diz Cormery que “a correção com reguadas, pareciam um método natural de educação”. Porém, seu professor, o padre Bernard, se comove com aquelas crianças, pois muitas perderam os pais na guerra. Se comove tanto que tenta substituí-los. Bernard sabe o que é a guerra, participara da Primeira Guerra Mundial e narra sua experiência, instigando as crianças a refletirem como a guerra é nefasta. O leitor percebe a lembrança que Camus possui do seu professor, ou seja, um homem que nutria empatia pelas crianças pobres, como Jacques.

#### **4. A escola, as relações de trabalho e o racismo**

A lembrança que Jacques tem do seu professor é afetuosa e pautada pelo sentimento de gratidão. Segundo ele, o professor Bernard o arrancou de suas raízes para lançá-lo em um mundo maior. Ele se recorda do incentivo que recebera do seu mestre para continuar seus estudos após o primário. Adulto, ele se recorda que o professor Bernard o indicara a uma bolsa de estudos para o ginásio e o quanto seu antigo mestre se esforçara para que ele, Jacques, continuasse estudando. Porém, sua avó resistia a essa ideia, pois queria que a criança aprendesse um ofício e assim contribuísse para o sustento da casa. Por serem pobres, a avó não aceitava perder uma futura mão de obra e o professor Bernard teve de convencê-la. Trabalhar, para aquela família pobre, valia mais do que os estudos.

Camus, na voz de Jacques, diz que as famílias pobres sempre viam suas crianças sob a lógica do trabalho e da contribuição financeira que elas tinham como obrigação assim que terminassem o primário. Dar sequência aos estudos era privilégio das classes mais abastadas, já para os pobres era perder mão de obra. Essa obrigação a que estavam submetidas as crianças de famílias pobres fica evidente quando o professor Bernard vai à casa de Jacques para convencer sua avó e ouve dela: “Inteligente ou não,

ele vai aprender um ofício no ano que vem. Você sabe muito bem que não temos dinheiro. Ele vai contribuir com seu salário toda semana” (CAMUS, p.143, 2005). Mas o professor Bernard quebra a resistência da avó de Jacques e consegue a concordância daquela senhora.

Além da questão do trabalho, Jacques Cormery se recorda que sua família não era religiosa, porém cumpria certas regras impostas pela igreja. Jacques, ao se recordar da família e da sua insipiente religiosidade, diz que “a religião não ocupava um espaço privilegiado no núcleo familiar, que ninguém ia a missa, ninguém ensinava a rezar e ninguém ensinava os mandamentos”. Que ninguém falava em castigos e graças do além e que, talvez por isso, tenha se sentido mais livre. Ele se recorda também que, se a religião não era usual em sua família, a primeira comunhão era uma exigência. Recorda-se também da dificuldade: se preparar para o exame de admissão para a escola e estudar por dois anos para ter a primeira comunhão era algo que não poderia ser feito. Jacques se recorda que a sua avó exigiu, junto ao padre, que a sua comunhão fosse rápida e assim aconteceu.

Se a comunhão fora colocada como secundária para Jacques e sua família, se a religião não estava em primeiro plano, a morte ocupava um espaço significativo na sua família. Pois sua mãe e sua avó tinham visto vários membros da família morrer na guerra. O pai de Jacques, o avô, os tios e os sobrinhos foram levados a lutar por uma França que não conheceram, e morreram por ela, como muitos argelinos e outros africanos.

Com a aprovação no exame e uma nova etapa escolar no horizonte, morreria para a criança Jacques a vida fechada e repetitiva a que os pobres estavam submetidos, assim como seus filhos. Com a aprovação no exame, ele sabia que um novo mundo se abriria. Após ser aprovado, lembra do momento da despedida do professor Bernard, que o acompanhou até a nova escola. Um momento apreensivo da sua infância, recordado de forma lúdica por ele, Jacques, um homem que, aos 40 anos, não se esquecera da importância do seu professor.

[...] olhando seu professor que lhe dava adeus uma última vez e que o deixava no entanto sozinho e, em vez da alegria do sucesso, uma imensa dor de criança apertava seu coração, como se soubesse de antemão que com esse sucesso acabara de ser arrancado do mundo inocente e caloroso dos pobres, mundo fechado em si mesmo como uma ilha na sociedade, mas onde a miséria toma o lugar da família e da solidariedade, para ser lançado num mundo desconhecido, que não era mais o seu, e onde não podia acreditar que os professores fossem mais sábios do que aquele ali, cujo coração sabia tudo, e ele deveria portanto aprender, compreender sem ajuda, tornar-se um homem enfim, sem a ajuda do único homem que lhe tinha socorrido, crescer e educar-se sozinho, com o mais alto preço (CAMUS, 2005, p.155).

Nessa passagem, mais uma vez nos defrontamos com a percepção de Camus sobre o fato dos pobres viverem num mundo fechado, sem muitos pontos de referência,

como seres condenados a espaços sociais que não “podem” ultrapassar. A afirmação “um mundo fechado em si mesmo como uma ilha na sociedade” é indicativo do olhar do autor sobre as segregações espaciais que estão presentes nas cidades modernas. O exílio dos pobres, cujas vidas limitam-se ao bairro, e o estranhamento entre os corpos que partilham o mesmo espaço urbano, mas são estranhos, revelam o racismo, sutilmente abordado por Camus no romance “*O primeiro homem*”. Este exílio urbano, a que os pobres estavam condenados, torna-se nítido nas lembranças que Jacques guarda do ginásio. O nosso protagonista se recorda do primeiro dia que saiu do velho bairro, que nunca havia deixado a não ser em aventuras “expedicionárias e exploratórias”. Ele se recorda que os seus familiares e vizinhos diziam que iam a Argel, mas deslocavam-se para o centro da cidade. Lembranças que revelam que o lugar social dos pobres era um espaço a que eles estavam confinados, mas que ele, criança, ao entrar no bonde que o conduziria até a escola, estava entrando num mundo desconhecido e onde não sabia como se comportar, segundo Camus (2005).

No ginásio, Jacques lembra que, pela primeira vez, sentiu vergonha, pois, ao ter que preencher os papéis que lhe deram, ele não sabia o que colocar em “profissões dos pais”. Ele se recorda que, para a mãe, colocou o termo “prendas domésticas”, mas refletia sobre ele, pois sabia que sua mãe não trabalhava para os outros, mas que ela trabalhava para seus filhos. Foi na escola que o pequeno Jacques soube o que era uma família burguesa, com passado e raízes, pois um dos jovens com que ele criou uma forte relação de amizade possuía uma casa na França com um sótão onde estavam as cartas e fotografias da família. Além disso, esse jovem abastado sabia o que era a neve, quem foi Joana D’Arc e o que era ter um passado. As lembranças desse jovem reforçam a imagem que Camus tem sobre os pobres: a de terem uma vida com menos pontos de referência. Mas há valorizações, pois, seja através do personagem Jacques, ou diretamente, Camus diz: há uma herança que sua família lhe deixou, ele é incapaz de invejar. Na obra, uma pergunta para os leitores: “Como explicar, aliás, que uma criança pobre possa às vezes sentir vergonha e ao mesmo tempo nunca ter o que invejar?” (CAMUS, 2005, p.178). A resposta a essa pergunta encontramos no prefácio escrito pelo próprio Camus para a sua obra *O avesso e o direito*. “Mas, depois de me questionar, pude constatar que, entre minhas inúmeras fraquezas, jamais figurou o defeito mais difundido entre nós, quero dizer, a inveja, verdadeiro câncer das sociedades e das doutrinas” (CAMUS, 2018, p.15). Ele atribui essa capacidade de não invejar à sua família. “O mérito dessa infeliz imunidade não é meu. Devo-a, em primeiro lugar, aos meus, a quem quase tudo faltava e que não invejavam quase nada” (CAMUS, 2018, p. 15-16).

Para Camus (2005), o espaço urbano em Argel era marcado pelo estranhamento que delineava as relações entre os árabes e os colonos pobres, na sua maioria brancos, pois o fenótipo passa a ser um divisor nas regiões colonizadas. Aliás, esse estranhamento étnico racial, enraizado, foi uma das marcas do colonialismo e está na origem do ódio e da violência que marcou a guerra de independência da Argélia. Observamos esse ódio, o estranhamento e a violência em várias passagens do romance. Ao narrar a explosão da bomba, quando um colono branco, referindo-se aos árabes que estavam no local, diz: “Essa raça suja”. Mesmo como curiosos no local da explosão, um dos árabes quase foi agredido.

Intrigado e preocupado com o momento político e o ódio que toma conta dos sentimentos na Argélia e procurando informações sobre seu pai, Jacques visita algumas famílias de colonos brancos franceses que ainda ousam permanecer nas regiões que sofrem com as investidas da resistência argelina. Jacques Cormery, buscando obter informações sobre seu pai, vai a sua antiga residência, local do seu nascimento, onde reside o colono francês Veillard. Ao chegar, pergunta sobre seu pai Henry Cormery, e Veillard, ao recebê-lo diz: “Se tivesse demorado para vir, correria o risco de não encontrar mais nada aqui”. Então, o colono Veillard descreve a atitude que seu velho pai e os demais colonos tomaram quando receberam a notícia de que deveriam evacuar a região em que viviam.

Quando chegou a ordem de evacuação, ele não disse nada. Sua vindima estava terminada, o vinho nas cubas. Ele abriu as cubas, depois foi até a fonte de água salobra que ele próprio desviara em outros tempos e recolocou-a no caminho de suas terras e equipou o trator com uma escavadeira. Durante três dias, ao volante, sem chapéu, sem dizer nada, arrancou as videiras em toda a extensão da propriedade (CAMUS, 2005 p.159).

Nessa passagem, podemos perceber que a ira deve ter tomado conta dos colonos ao receberem a ordem de abandonar as terras que duramente cultivaram. Terras que não lhes pertenciam, que o colonialismo francês arrancou dos árabes, já que, com promessas e alimentando as ilusões dos franceses pobres, incentivou-os a migrarem para as colônias. Veillard fala que os colonos foram recebidos com caras de desconfiança e raiva por aqueles que foram espoliados de suas ancestrais terras. Disse a Jacques que os colonos eram aventureiros, que haviam deixado a capital, com suas mulheres e filhos, para tentarem a sorte numa terra estranha, com cheiro de estrume e especiarias. Descreveu para Jacques que os colonos dormiam com espingardas, que uma família fora exterminada: o pai e os dois filhos degolados, a mãe e a filha violentadas várias vezes, depois mortas. Porém, ele diz a Jacques que só sairá de suas terras morto, que ninguém em Paris entende o que se passa, que só os árabes entendem.

Nessa fala de Veillard, Camus sutilmente diz ao leitor que os árabes sabiam o que é ter que abandonar suas terras. Se eles entendem, é porque passaram pela experiência da espoliação. Mas, ironicamente, Veillard diz a Jacques que a agressão e a guerra são normais, que a paz é o anormal, que depois todos se entenderão; ao narrar o que acontecera com o filho do seu amigo e vizinho Tamzal, Veillard não poupa e descreve o colonialismo francês como cruel e cínico, pois o jovem foi levado pelas tropas francesas, acusado de ajudar a resistência, e depois disseram que ele foi morto quando tentava fugir. Jacques pergunta se o jovem ajudava ou não a resistência e recebe como resposta de Veillard a dúvida, pois ninguém ali poderia afirmar que sim, nem que não.

Depois da revelação desses casos, Jacques e Veillard vão até a residência de Tamzal, na busca de informações sobre Henry Cormery, e ouvem do velho árabe: “os homens são loucos pela guerra” (CAMUS, 2005, p.168). A luta pela independência caminhava, marcada por ódio, violência e rancores.

A memória de Jacques sobre o ginásio revela o exílio que marcava a sociedade de Argel. Ele faz uma comparação entre a escola comunal e o ginásio. Diz que, na escola comunal, não havia a multiplicidade de professores que encontrou no ginásio, que nela o professor Barnard fazia o papel de pai, enquanto no ginásio os professores mudavam como as matérias. Ele se recorda que o professor de literatura era o mais querido. Quando, ao retornar para casa, sabia que não encontraria nenhum professor do ginásio no seu bairro e nem no ônibus que tomava. Diz ele que, voltando para o bairro longínquo onde residia, sabia que não havia nenhuma possibilidade que um professor de ginásio viesse a se instalar nele, nem alunos. Jacques sentia a separação ao término das aulas; quando deixava o grupo de colegas, se despedia e pegava o ônibus vermelho que atendia os bairros pobres enquanto os verdes atendiam os bairros elegantes. No ônibus que o levava para casa, havia o lugar dos brancos, na frente, próximo ao motorista.

Apesar das diferenças socioeconômicas, ele se recorda que, durante as aulas, as divisões eram abolidas e as únicas rivalidades eram a da inteligência e das atividades físicas e ele se saía bem. O tempo dedicado ao ginásio era maior do que o exigido pela escola primária. Sobravam dois dias da semana de folga. Às quintas e domingos, Jacques e seu amigo Pierre gastavam o tempo com brincadeiras e com a leitura. Na quinta-feira, os dois meninos dedicavam-se a devorar os livros que tomavam emprestado na biblioteca. Jacques se recorda que a leitura lhe permitia sair daquela realidade marcada pela pobreza. Os livros que pegavam emprestado permitia a eles sonhar, pois eram conduzidos a um universo de heróis e, como ele mesmo diz: “os livros instigavam a alegria e a coragem” (CAMUS, 2005, p.209). Jacques se recorda que, para ele e Pierre, “pouco importava se o livro fosse mal escrito, grosseiramente encadernado e estivesse amarelado, mas o livro deveria ser cheio de vida, pois lhes instigava sonhos” (CAMUS, 2005, p. 212). Jacques sempre levava um livro para casa, jantava abraçado a ele, depois ajudava sua mãe e avó e ia dormir, com o livro. Jacques se lembra que sua mãe olhava o livro, percorria a capa e as páginas com suas mãos, tentando aproximar-se dos mistérios que ele escondia, para ela, não acessíveis.

As relações com os professores e colegas no ginásio abriram os olhos de Jacques para as diferenças de classe e para o exílio urbano a que os pobres estavam condenados. Camus lança mão de Jacques para falar das suas lembranças do ginásio. Jacques Cormery se recorda da criança que era, do distanciamento dos professores e colegas do ginásio, essa instituição estranha para sua família.

Em todo caso, no ginásio, ele não podia falar com ninguém sobre sua mãe e sobre sua família. Com ninguém na sua família ele podia falar sobre o ginásio. Nenhum colega, nenhum professor, durante todos os anos que antecederam o vestibular, veio alguma vez à sua casa. Quanto à sua mãe e à sua avó, elas nunca iam ao ginásio, a não ser uma única vez ao ano, na distribuição de prêmios no início de julho. Nesse dia, é verdade, elas entravam ali pela porta principal, no meio de uma multidão de pais e de alunos endomingados (CAMUS, 2005, p. 214).

Jacques se recorda que, na solenidade de premiação, era o professor mais novo o encarregado do discurso solene e o discurso era repleto de palavras refinadas, com alusões à cultura humanista, um discurso que, segundo Jacques, era inacessível à maioria dos presentes.

## **5. Considerações finais**

No romance *O primeiro homem*, o leitor entra em contato com o olhar crítico de Camus sobre o isolamento dos pobres que viviam na periferia, condição que fez do ginásio um mundo distante para homens e mulheres que viviam a repetição e o exílio de uma vida limitada, sem muitos pontos de referência no tempo. Jacques e as crianças pobres, como ele, que entravam no ginásio e seguiam seus estudos representavam uma exceção naquele mundo colonial francês. Por isso – “A miséria impediu-me de acreditar que tudo vai bem sob o sol e na história; o sol ensinou-me que a história não é tudo. Mudar a vida, sim, mas não o mundo do qual eu fazia minha divindade” (CAMUS, 2018, p.15). Mas a pobreza e o preconceito caminhavam juntos no território colonial francês. Um mundo em que a xenofobia pautava as relações entre os trabalhadores brancos pobres, pois, segundo Camus, na voz de Jacques, os trabalhadores “pés negros” e franceses eram os homens mais tolerantes do mundo na vida cotidiana, mas como explicar que, no mundo do trabalho, eram xenófobos, sempre acusando e condenando colonos de outras nacionalidades como italianos, espanhóis e judeus, e a terra toda por lhes roubarem o trabalho, sempre escasso.

Camus (2005), por meio de Jacques, diz ao leitor que não eram os privilégios do dinheiro, ou o do poder que aqueles “nacionalistas disputavam, mas o privilégio de se manterem servis”. Revela que há disputas entre os trabalhadores, que, na classe operária das colônias, a chamada “consciência de classe” era inexistente, pois a xenofobia e o nacionalismo criavam uma falsa ideia de um inimigo responsável pela perda dos empregos.

## Referências

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985, 2ª edição.

BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

CAMUS, Albert. *O avesso e o direito*. Rio de Janeiro: Record, 2018.

CAMUS, Albert. *O homem revoltado*. Rio de Janeiro: Record, 2017.

CAMUS, Albert. *O primeiro homem*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2005.

CÉSAIRE, Aimée. *Discurso sobre a negritude*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

CASTORIADIS, Cornelius. “Reflexões sobre o racismo”. In: CASTORIADIS, C.; BARRADAS, A.; FREIRE, R. *O mundo fragmentado: as encruzilhadas do labirinto*. São Paulo: Editora Paz e terra, 2006.

FREderico, Celso. *A sociologia da literatura de Lucien Goldmann*. Estudos Avançados, v. 19, n. 54, p. 429-446, 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10088>. Acesso em: 29 jan. 2023.

MATHIAS, Marcelo de Zaffiri Duarte. *A felicidade em Albert Camus: aproximação à sua obra*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

OLIVO, Cristiana Vieira Cancellier de. O princípio do prazer de Meursault em O Estrangeiro de Albert Camus. In: *Revista fragmentos*, nº 33, Florianópolis/ Jul-dez, 2007. p. 147-154. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/view/8599/8001>.

SERRANO, Carlos e WALDMAN, Mauricio. *Memória D'África: a temática africana em sala de aula*. São Paulo: Cortez, 2007.

YAZBEK, Mustafa. *A revolução argelina*. São Paulo: Editora Unesp, 2010.